

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

A FORMAÇÃO DE LEITORES POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS: UMA EXPERIÊNCIA E AS SUAS POSSIBILIDADES

Ariovânia Rocha de Camiloⁱ

Jaciara da Silva Costaⁱⁱ

Cristina Benevides Vieiraⁱⁱⁱ

Joseval dos Reis Miranda^{iv}

Eixo Temático: 12: Estudos da linguagem.

Resumo: Este artigo originário da pesquisa que analisou a forma como vêm sendo desenvolvida a formação de leitores por meio dos gêneros textuais visando o desenvolvimento de leitores críticos. Foram interlocutores da pesquisa estudantes do 7º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental e a professora dessa turma. Mediante as informações obtidas no decorrer da pesquisa, foi possível tecermos uma discussão sistematizada em três eixos teóricos: gêneros textuais, o texto escrito e a importância da prática pedagógica e a contribuição da leitura no desenvolvimento da criticidade. Os resultados apontaram que é possível desenvolver práticas educacionais capazes de contribuir para a formação de leitores, capazes de ter uma visão reflexiva da realidade à sua volta, ao tempo que pode contribuir para práticas educativas comprometidas com a formação do leitor crítico.

Palavras-chaves: Formação de leitores. Gêneros textuais. Leitura e escrita.

Resumen: Este trabajo se origina en la investigación que examinó cómo la formación está siendo desarrollado por los lectores de los géneros de texto dirigidos al desarrollo de lectores críticos. Los interlocutores eran los estudiantes de investigación del año 7 últimos años de la escuela primaria y el profesor de esta clase. A través de la información obtenida durante la investigación, fue posible que puede tejer una discusión sistemática de los tres temas: géneros textuales, el texto escrito y la importancia de la práctica docente y la contribución de la lectura en el desarrollo de la criticidad. Los resultados mostraron que es posible desarrollar prácticas educativas que contribuyen a la formación de lectores, capaces de tener una visión reflexiva de la realidad que les rodea, si bien pueden contribuir a las prácticas educativas comprometidas con la formación del lector crítico.

Palabras clave: formación de lectores. Géneros discursivos. La lectura y la escritura.

Introdução

Este trabalho intitulado como a formação de leitores por meio dos gêneros textuais foi desenvolvido no intuito de buscarmos entender como as estratégias de leitura vêm sendo trabalhadas dentro do contexto escolar. Nesse sentido, buscamos analisar a importância da diversidade de manifestações de textos no desenvolvimento da aprendizagem do educando, uma vez que, estamos inseridos cada vez mais no mundo letrado por várias modalidades textuais.

Consequentemente, este artigo objetiva contribuir para o reconhecimento dos gêneros textuais na perspectiva da formação de um leitor consciente da sua função social, favorecendo seu desempenho dentro do processo de aprendizagem. Acreditamos na importância dessa temática e sobre as manifestações da aprendizagem mediante a leitura crítica, pois, é de suma importância trabalhar com os gêneros textuais, devido à possibilidade de por meio deles, refletir acerca da realidade e a construção de valores.

Compreendemos que mesmo diante de meios de comunicação tão rápidos, muitos estudantes e professores ainda enfrentam dificuldades em compreender os gêneros textuais. A dificuldade encontrada pelos educandos em relação aos textos já são considerados “um velho problema” brasileiro, mas é preciso trazê-la ao debate com novas perspectivas e novos direcionamentos, já que acreditamos que a diversidade textual pode ser um grande passo na construção da aprendizagem, assim como, na luta para formação de leitores, buscando dessa forma métodos, estratégias que consigam viabilizar na prática este problema tão antigo.

Assim, a grande relevância deste artigo se acentua na finalidade de analisar a realidade de uma sala 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Bom Jesus da Lapa. E mediante a contribuição ímpar de teóricos que discorrem sobre o referido tema, de observações minuciosas e de procedimentos precisos, objetivamos saber como vem sendo acionadas estratégias textuais e se as mesmas propiciam para a construção da aprendizagem, bem como, a formação de leitores críticos, e se contribuem para construção própria de novos conhecimentos.

Todavia, faz-se necessário enfatizar que, optar pelos métodos e instrumentos para a coleta de informações é um passo de grande acuidade que merece muito cuidado. No presente trabalho destacamos a abordagem qualitativa, na qual é admissível descobrir uma enorme variedade de instrumentos de coleta onde foi feito o seu uso. Na realização dos procedimentos metodológicos foram realizadas algumas técnicas, com o intuito de percorrer caminhos que deram suporte para uma análise minuciosa da postura pedagógica da professora pesquisada, mediante o trabalho com os gêneros textuais.

Foram aplicados para a coleta de informações para o alcance dos objetivos: a observação participante, a entrevista semiestruturada e a análise documental, passos que deram suportes necessários para o trabalho de investigação. A coleta de informações via análise documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas foram registradas e organizadas de acordo com os aspectos específicos do processo da atuação docente, para os quais se elencou as categorias: gêneros textuais, aprendizagem e leitura.

Vale ressaltar que, trazer este tema aos desafios da pesquisa é uma forma de comprometer enquanto estudante crítico e esclarecido quanto aos problemas da sociedade. Deste modo, discorrer sobre este tema é entender que a vida se refaz a cada uma nova leitura e releitura das coisas que acontecem em nosso cotidiano, sendo pertinente reconhecer e a dar novos olhares aos gêneros textuais.

Com isso, os estudos dos gêneros textuais, tal como vemos no atual contexto escolar, necessita ir além da mera decodificação de signos gráficos, onde são perpetuados mediante aos fragmentos de livros didáticos. Esta realidade pode ser questionada ao poder político que muitas vezes desconhecem os problemas enfrentados em muitas escolas públicas. Aqui pode ser entendida como uma temática que contribui enfaticamente para a inserção de discentes leitores, e com uma educação que vise o pleno exercício da cidadania.

Assim sendo, acreditamos que esta proposta possa ser uma contribuição de tecer uma discussão acerca do papel fundamental dos gêneros textuais que circulam no espaço educativo, uma vez que os mesmos possibilitam olhares de maior reflexão e criticidade mediante a construção da aprendizagem, assim como, na qualificação enquanto educando leitor, prima também à melhoria e a participação destes na sociedade e o seu direito a cidadania.

Gêneros textuais: um recurso viável para aprendizagem

Nas últimas décadas, tem sido levada em consideração a necessidade de trabalhar com mais veemência a diversidade textual, em especial, nas aulas de Língua Portuguesa, acrescenta-se a de que esses devem pertencer a gêneros diferentes, provenientes das múltiplas esferas sociais mediante as modalidades escrita e oral da língua. Com isso, a finalidade é aproximar o máximo possível o que se produz na escola daquilo que circula fora dela, eliminando de vez práticas artificiais de escrita, as redações que meramente realizadas nas aulas, desvinculadas da vida pessoal do educando.

Nesse contexto, cabe ressaltar que, trabalhar com gêneros textuais implica, obrigatoriamente, trabalhar as condições nas quais os textos são produzidos, por onde circulam, com quais intenções, quais seus interlocutores privilegiados. Assim, é possível levar para a sala de aula diferentes gêneros nas aulas de Língua Portuguesa, tais como, receitas de bolo, regras de jogos, textos informativos, publicitários e outros.

Com isso, encarar o texto como processo de construção da aprendizagem e não apenas, como uma mera atividade, torna-se possível verificar se determinadas marcas formais caracterizadoras do gênero abordado estão ou não presentes nos textos produzidos pelos estudantes. Não devemos desconsiderar que, os gêneros são ocorrências sociais flexíveis e surgem das necessidades e atividades socioculturais com grande influência das inovações tecnológicas. Neste sentido, os grandes suportes tecnológicos da comunicação, tais como, rádio, televisão, jornal, internet, revista, por terem uma presença marcante e centralidade nas atividades comunicativas, vão propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos desse novo modelo de demanda social.

Com isso, ao questionarmos a nossa interlocutora, a professora Regina, como ela desenvolve o trabalho com gêneros textuais ela declarou que:

Facilito o máximo possível no trabalho com os gêneros. Mas não deixo de fazer com cada estudante seja responsável pela a sua aprendizagem. Assim, sempre solicito que cada um traga para sala um tipo de texto, para posteriormente desenvolvermos atividades textuais, coletivas e individuais (Professora Regina).

Este ato foi confirmado mediante a realização de uma atividade coletiva, desenvolvida por Regina quando registramos o seguinte fato:

A professora leu os textos de cada equipe, conversou com eles sobre os gêneros textuais, e até os ajudou a planejar sua construção, discutindo qual a informação principal do texto e como a equipe deveria desenvolver da melhor forma possível a atividade. (Diário de campo).

Dessa forma, de acordo com Bakhtin (2003), os gêneros surgem ancorados em outros gêneros, podendo ser por transmutação ou por assimilação de um por outro, mediante a forma, a função, o suporte ou o ambiente em que os textos aparecem. Assim, o gênero privilegia a natureza funcional e interativa da língua, já o tipo textual se preocupa com o aspecto formal e estrutural.

Todo gênero textual refere-se às diferentes formas de expressão de um texto. Assim, para a Linguística, os gêneros textuais abarcam todos os textos produzidos por usuários de

uma língua. Quanto à forma ou estrutura das sequências linguísticas encontradas em cada texto, podemos classificá-los dentro dos tipos textuais a partir de suas estruturas e estilos composicionais.

Com isso, os gêneros textuais são tipos específicos de textos de qualquer natureza, literários ou não literários. Nesse contexto, modalidades discursivas constituem as estruturas e as funções sociais utilizadas como formas de organizar a linguagem. Sendo isso, as características peculiares de um gênero discursivo nos permitem abordar aspectos da textualidade, tais como coerência e coesão textuais, impessoalidade, técnicas de argumentação e outros aspectos pertinentes ao gênero em questão.

Consequentemente, o ato de ler é um exercício de indagação, de reflexão crítica, de entendimento, de captação de símbolos e sinais, de mensagens, de conteúdo, de informações necessárias de serem trabalhados nas áreas de linguagem, pois, este é um exercício de intercâmbio, uma vez que possibilita relações intelectuais e potencializam outras, permitindo-nos a formação dos nossos próprios conceitos, explicações e entendimentos sobre realidades, elementos e/ou fenômenos com os quais defrontamo-nos constantemente.

É preciso acrescentar que, atividades com linguagem constituem um importante fator de eficácia no processo de comunicação dos discentes, uma vez que, a linguagem é o conjunto de códigos de emissão de mensagem, sendo importante destacarmos que, o significado da palavra não está nela, mas nos indivíduos que as utilizam.

A Elocução e o nascimento dos gêneros do discurso

De acordo com Bakhtin (1998), a elocução e o nascimento dos gêneros do discurso se deram da seguinte forma: Na Pré-História o homem buscou se comunicar através de desenhos feitos nas paredes das cavernas. Através deste tipo de representação, denominada como, pintura rupestre, trocavam mensagens, passavam ideias e transmitiam desejos e necessidades. Porém, ainda não era um tipo de escrita, pois não havia organização, nem mesmo padronização das representações gráficas.

Assim, somente na antiga Mesopotâmia que a escrita foi elaborada e criada. Por volta de 4000 a.C., os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme. Usavam placas de barro, onde cunhavam esta escrita. Muito do que sabemos hoje sobre este período da história, devemos as placas de argila com registros cotidianos, administrativos, econômicos e políticos da época.

Concomitantemente, os egípcios antigos também desenvolveram a escrita quase na mesma época que os sumérios. Existiam duas formas de escrita no Antigo Egito: a demótica,

mais simplificada e a hieroglífica, mais complexa e formada por desenhos e símbolos. Dessa forma, as paredes internas das pirâmides eram repletas de textos que falavam sobre a vida dos faraós, rezas e mensagens para espantar possíveis saqueadores. Uma espécie de papel chamada papiro, que era produzida a partir de uma planta de mesmo nome, também era utilizado para escrever.

Já em Roma Antiga, no alfabeto romano havia somente letras maiúsculas. Contudo, na época em que estas começaram a ser escritas nos pergaminhos, com auxílio de hastes de bambu ou penas de patos e outras aves, ocorreu uma modificação em sua forma original e, posteriormente, criou-se um novo estilo de escrita denominado uncial. O novo estilo resistiu até o século VIII e foi utilizado na escritura de Bíblias lindamente escritas.

Conforme Bakhtin (1998), na Alta Idade Média, no século VIII, Alcuíno, um monge inglês, elaborou outro estilo de alfabeto atendendo ao pedido do imperador Carlos Magno. Contudo, este novo estilo também possuía letras maiúsculas e minúsculas. Com o passar do tempo, esta forma de escrita também passou por modificações, tornando-se complexa para leitura. Contudo, no século XV, alguns eruditos italianos, incomodados com este estilo complexo, criaram um novo estilo de escrita.

No ano de 1522, outro italiano, chamado Ludovico Arrighi, foi o responsável pela publicação do primeiro caderno de caligrafia. Foi ele quem deu origem ao estilo que hoje denominamos itálico. Com o passar do tempo outros cadernos também foram impressos, tendo seus tipos gravados em chapas de cobre (calcografia). Foi deste processo que se originou a designação de escrita calcográfica, formando com isso, os gêneros textuais.

Mediante ao exposto, gêneros discursivos são realizações linguísticas concretas orais ou escritas, que surgem da nossa necessidade, são empíricos. De acordo com Marcuschi, (2002), Os gêneros são, em última análise, o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura. Por isso, em princípio, a variação cultural deve trazer consequências significativas para a variação de gêneros, mas este é um aspecto que somente o estudo intercultural dos gêneros poderá decidir.

É importante ressaltar que os tipos textuais são resultantes das sequências linguísticas e não textos materializados, a rigor, são modos textuais, não são empíricos, servindo para a produção dos gêneros que estão no interior desses. A elocução, com foco no gênero do discurso, no seu sentido geral amplia nossos horizontes e nos transporta ao mundo da imaginação, sem contar os conhecimentos mil que acabamos adquirindo quando mergulhamos em universos desconhecidos como a literatura policial, a literatura infantil ou infanto-juvenil, a literatura fantástica, a literatura clássica, além dos artigos políticos,

econômicos, sociais e culturais encontrados nos jornais e em outros veículos de informação impressa trabalhados em sala de aula.

Portanto, é de suma importância desenvolver nos estudantes uma cultura de leitura crítica, pois somente assim teremos aprendizes e formadores de opinião em todo ambiente estudantil, social e democrático.

O texto escrito e a construção da aprendizagem

Levando em consideração que, o cerne da aprendizagem é a definição que se dá ao conhecimento alcançado, cabe-nos a apreensão de que, o processo da construção da aprendizagem está, portanto na relação não autoritária e substantivo de ideias simbolicamente expressas a algum aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo educando com o educador, isto é, alguma consideração ou proposição que já lhe é expressivo e apropriado para interagir com a nova informação advinda do processo de letramento.

Deste modo, mediante da influência mútua entre o conhecimento escolar e o conhecimento de mundo, o educando tem a possibilidade de ressignificar a aprendizagem adquirida no contexto escolar, uma vez que, esta aprendizagem sobrevenha do seu empenho particular de descoberta, além dos muros da escola, pois, aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio social.

Conforme Ausubel (1980), mediante ao conhecimento prévio é que se desenvolve a variável crucial para a construção da aprendizagem, já que, esta acontece em todo momento e em várias fases da nossa vida, cabendo ao professor, respeitar o conhecimento prévio do estudante, causando a sua ressignificação em uma parceria entre a escola e a vida particular do estudante.

Sendo assim, à medida que valorizamos as diferenças particulares de cada educando, jamais perderemos o contexto interativo de nossos discentes, pois conviver com outros, socializar ideias, sorrir e imaginar necessita ser unívoco do recinto escolar, tendo em vista a aprendizagem, pois o conhecimento adquirido mutuamente significa desenvolvimento, descoberta do mundo à sua maneira, e isto chamamos de conhecimento e desenvolvimento acerca da realidade.

A contribuição da leitura no desenvolvimento da criticidade

A leitura como prática de desenvolvimento da criticidade no contexto escolar tem gerado nestes últimos tempos grandes discussões, e com isso muitos teóricos da educação fazem do problema uma luta pela superação destes índices de avaliação de desempenho, tais como, Provinha Brasil e o exame nacional do Ensino Médio e revelando que os estudantes têm dificuldades de perceber os significados nos textos trabalhados nas aulas, o que acarrete no número de evasão e repetência escolar.

É necessário abordarmos que muitos discentes saem do Ensino Fundamental sem saber escrever um texto coerente, e por vezes não sabem o que é leitura e suas implicações metodológicas. Ao professor recai uma carga, de responsabilidades, atribuindo a eles a promoção dos efeitos negativos que são conferidos pelos indicadores de aprendizagem, ora citados acima.

De fato, na maior parte das conjunturas estudantis, esses podem ser responsabilizados, pois neste processo de construção da aprendizagem não é de surpreender o fato de depararmos com aqueles profissionais que desconhecem a função da leitura e da sua fabulosa alternativa em formar leitores críticos. Todavia, outro fator encontrado no seio de muitas escolas públicas está intimamente ligado aos recursos financeiro familiar, pois estes não estão sendo aplicados na melhoria e no processo de formação de leitores.

Assim, ao ser questionado sobre como a família contribui para a efetivação da leitura, Eder, estudante interlocutor enfatizou que:

*Em casa não tem como praticar a leitura, pois o tempo é curto tenho que ajudar os meus pais. Mas de vez em quando leio alguma coisa à noite, mesmo que meus pais reclamam, pois irei estragar as minhas vistas.
(Estudante/Interlocutor Eder)*

Nestes termos, podemos afirmar que uma das maiores funções da escola é a de proporcionar aos estudantes uma educação consciente, de forma que ela possa desenvolver em seu cotidiano práticas de leitura a partir dos primeiros anos iniciais, mediante a leitura, mecanismos de apropriação de conhecimentos que os possibilitem o enxergarem criticamente o espaço social do qual fazemos parte.

Assim, ao ser perguntada sobre como trabalhar a criticidade na leitura textual, a professora enfatizou que:

*Sempre que trabalho leitura em sala de aula instigo os estudantes a não aceitar logo de primeira mão a informação obtida, mas a questionar-se sobre o que leu e sempre que possível ler novamente o mesmo texto.
(Professora/Interlocutora: Regina).*

A confirmação desse fato se deu no decorrer da observação no momento que registramos o seguinte acontecimento:

A professora Regina distribuiu alguns textos para que os estudantes fizessem uma leitura silenciosa. Em seguida, escreveu no texto as seguintes frases: O que esse texto me diz? O que eu digo ao texto? Assim ela solicitou que todos realizassem uma segunda leitura para verificar se haviam mesmo compreendido informação textual. (Diário de campo).

Nesse contexto percebemos que, a professora busca promover uma prática de leitura que seja capaz de incitar no educando a aquisição de conhecimentos, que favoreçam a transformação no que se refere à construção da aprendizagem, bem como no âmbito social, vindo assim, a gerar ponto de um fator de equalização social e que promova conhecimentos, mas conhecimentos em termos de qualidade.

Concomitantemente, compartilhamos dos PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, p.30) que nos diz: “Cabe, portanto, a escola viabilizar o acesso do educando ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los”. Assim, percebemos que a diversidade textual pode ser um fator contribuinte na luta a favor de significação da realidade, onde podemos assegurar que a leitura deve ser tomada como prática social. Sobre esta questão os PCN mais uma vez é decisivo, quando este aborda que:

Uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras, pois outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz do texto (BRASIL, 1997, p.57).

Portanto, o processo de constituição do conhecimento se efetiva de modo mais expressivo por meio da linguagem, e no caso da formação do leitor isso não é diferente. Assim, nesse processo a linguagem assume um caráter efetivo na busca de compreensão dos sentidos que por vezes parecem estar desvinculados da realidade dos estudantes.

Desse modo a linguagem é a responsável em fazer uma ligação entre os envolvidos na transmissão de palavras, corroborando com essa percepção Vigotski (1998, p.33), assim nos afirma: “antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala”.

Em suma, é bastante visível que, com a realização atividades mediante aos gêneros textuais, a contribuição da leitura no desenvolvimento da criticidade será prazerosa e

significativa para os estudantes envolvidos no processo de formação de leitores críticos e reflexivos.

A partir desse pressuposto, fica evidente que a leitura sobrevém com a escrita e ambas passaram a existir imanentes à própria história da civilização humana. Assim, a disponibilidade existente entre a leitura e a escrita permite estreitar relações de pertencimento e conhecimento.

A leitura na atualidade

Ao analisarmos a história do surgimento da leitura, perceberemos que ainda não superamos a prática tradicional, obsoleta e mecanizada de ensinar a ler. Os rituais abundantemente usados se sintetizam na decoreba de signos linguísticos e a representação e significação da leitura que devagar vão se tornando descontextualizada para os estudantes.

Assim, Vigotski (1998), aborda que, costumam a ensinar as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita de forma crítica e significativa. Com isso, o mesmo autor enfatiza que a tal forma mecânica de ler o que está escrito acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal.

Nesse contexto, torna-se compreensível, ainda que de maneira inconsciente, os primeiros passos com a leitura têm início ainda quando crianças, onde a leitura é feita por um adulto, talvez seja este o momento que começam a ler o que Freire (2009), denomina como leitura de mundo, e a conhecê-lo de forma mágica. Daí, portanto, começamos a interessar pelo ato da leitura crítica.

Conseqüentemente, ao iniciar a prática estudantil, inicia-se outro modo de ler o mundo, o mundo real e sistematizado. Com isso, a necessidade de ler mais, impulsiona e principalmente sem o ato da leitura meramente decodificada, devendo ser trabalhada a leitura com atenção, para que se possa identificar o porquê e o quê está sendo lido. Sendo assim, o educador deve trabalhar com diversificados textos com vista para o mundo que o educando, ao se encontrar fora da escola, deverá adaptar-se para então construí-lo e reconstruí-lo.

A partir desse pressuposto, faz-se necessário acender para a reflexão da importância dos gêneros textuais e, com isso procurar compreender qual a função do professor na formação de sujeitos leitores, que seria um dos principais pretextos para inserir dentro do espaço escolar estratégias de leitura e textos de diferentes categorias com a finalidade de dar seguimento à proposta de formação de estudantes leitores críticos, como enfatiza Martins (1994), a leitura

seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo.

Afinal, o que é leitura?

A leitura é algo que ultrapassa a decodificação, e que ganham novos sentidos quando estudados sob a ótica de proporcionar novos olhares. Porém, a falta de significação textual vem contribuindo para a proliferação das práticas mecanizadas do ensino da leitura e a banalização fez com que seu sentido tenha ganhado outras leituras; mas ainda vemos como uma atribuição de acepções e grande estabelecimento com o conhecimento de mundo.

Com isso, quando discorremos sobre leitura, muitas pessoas logo pensam apenas no ato de decodificar a linguagem escrita, todavia, a leitura vai muito mais além desta visão simplista, uma vez que, a concepção de leitura é bem mais abrangente e segundo Martins (1994), existem várias concepções de leitura, sendo a mesma sintetizada em duas caracterizações:

- 1- Na perspectiva behaviorista-skinneriana, a leitura é vista como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta;
- 2- Na perspectiva cognitivo sociológico é reconhecida como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos políticos. (MARTINS, 1994, p.31).

Sobre esta questão, Antunes (2003), traz sua contribuição e nos faz pensar que a leitura pode ser abarcada como parte da interação verbal escrita, enquanto provoca a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor.

Para entendermos o que é leitura e o seu mundo é necessário estar engajado, informado sobre os múltiplos gêneros e tipos de textos que circundam nossa vida, compreendendo as diferentes práticas que as cercam, para aos poucos perceber qual a maneira mais viável para criar mecanismos de suporte à formação do leitor. Nestes termos, Regina, a nossa interlocutora abordou que:

Trabalhar com leitura é um ato bastante necessário para a construção da consciência crítica dos estudantes, pois é uma forma de envolver o imaginário com o real. (Professora/Interlocutora Regina).

Sobretudo, é de suma importância ressaltar que, a tecnologia pode favorecer no processo de desenvolvimento da leitura, com o acesso a sites de entidades culturais, bibliotecas on-line, que disponibilizam conteúdos didáticos e culturais aos interessados, contudo o que vemos na maioria das vezes é o uso inadequado desta tecnologia.

Assim, perante esse cenário educativo diversificado, torna-se preciso que os professores levem em consideração esses aspectos, de modo que possam desenvolver metodologias que atraiam o seu público, no âmbito da leitura, seja em material impresso ou com uso das tecnologias disponíveis no contexto escolar.

Considerações finais

Sem a pretensão de exaurir o objeto de estudo, procuramos desvendar neste estudo, a partir do levantamento, análise e interpretação das informações coletadas na pesquisa, analisar de que forma vêm sendo desenvolvidas as atividades com os gêneros textuais com perspectiva na formação de estudantes leitores, de uma turma de 7º ano dos anos finais do Ensino Fundamental.

No que diz respeito à formação, assim como, os conhecimentos acerca do termo gêneros textuais, a docente é consciente da necessidade de dar continuidade ao estudo, a partir de cursos de educação continuada com viés em linguagem, pois, segundo a mesma, em sua atuação existe uma carência de articulação entre teoria e prática, que poderá ser superada mediante o curso de graduação em letras.

Com isso, a docente interlocutora concorda que, para superar a dificuldade de trabalhar com os gêneros textuais, necessitam de auxílio das famílias dos educandos, assim como, mais recursos didáticos. Enfatiza ainda sobre a necessidade do trabalho coletivo a partir do planejamento de ensino, no próprio ambiente escolar voltado para a discussão da interdisciplinaridade necessária a esse novo cenário educacional.

Todavia, a nossa interlocutora, explicita que, a realização da prática docente se dá de forma envolvente, pois, ainda que os recursos sejam precários a sua atuação é realizada conforme as possibilidades do ambiente escolar, assim, ela conseguiu realizar o seu trabalho, ainda que tímido, de forma prazerosa, dando suporte ao desenvolvimento da aprendizagem do educando leitor.

Faz-se preciso abordar que, os discentes compreendem a necessidade de trabalhar os gêneros textuais como algo necessário para a construção da aprendizagem e a formação de um

leitor crítico, onde esses comungam da concordância em torno de que a interação entre texto e leitura na constituição de uma aprendizagem significativa.

Os estudantes, na grande maioria, oriundos da classe de trabalhadores públicos, vivem em bairros da classe média baixa. Esses estudantes são conscientes do valor da educação e, ainda acreditam que estão na escola traçando um futuro melhor do que dos seus pais, que segundo eles, apesar de tudo vivem decentemente.

Assim, diante das evidências encontradas na pesquisa observadas, analisadas, ouvidas, e à luz do diálogo tecido com os teóricos apresentados no decorrer deste trabalho, confirmamos a necessidade de maiores discussões que proporcione o caminho a responder à complexidade dos gêneros textuais (BAKTIN, 2003), seja em qual modalidade aconteça.

Os resultados da pesquisa trabalhada apontam para a necessidade de efetivação de algumas ações, longe de serem aspectos conclusivos, mas que podem contribuir tanto para aprendizagem nos anos finais, por meio da leitura significativa (FIORIN, 2001). Nessas perspectivas de sinalizarmos algumas contribuições, elencamos possíveis encaminhamentos para as questões analisadas ao longo da pesquisa:

- Implementar cursos de Educação Continuada referente a importância da linguística na sala de aula, que atenda os professores da área de linguagem;
- Construir um Projeto Político Pedagógico que dê maior ênfase à questão da leitura;
- Levar para o ambiente escolar a diversificação textual;
- Construir Projetos Pedagógicos que valorizem a aprendizagem linguística significativa.

Diante de tudo que foi exposto, fica-nos a compreensão de que, o trabalho da pesquisa possibilita-nos o desenvolvimento pessoal e profissional. Ampliando-nos a concepção da importância dos gêneros textuais (BAKTIN, 2003). Possibilitou-nos maior sintonia nos trinômios gêneros textuais – aprendizagem - leitura, onde os saberes produzidos, provenientes da pesquisa ganham uma maior ressonância.

Portanto, ponderar sobre este tema é entender que a vida estudantil e social se refaz a cada leitura realizada, mediante as coisas que acontecem a nossa volta, uma vez que, conforme aos desafios que enfrentará, entendemos que também será de grande contribuição no campo estudantil, pois ajudará os estudantes a darmos ênfase ao poder da construção da aprendizagem mediante a uma leitura crítica.

A nossa perspectiva é que as ponderações aqui iniciadas sejam provocantes e provocadoras de novas reflexões com vistas ao aperfeiçoamento da prática pedagógica

docente. Contudo, o real intuito deste trabalho foi o de promover uma discussão no que concerne a importância da variedade textual para uma vida estudantil e social com mais significados, ao tempo que desperte melhores resultados com vistas a formação crítica do leitor.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontros e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D. e HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro, Interamericana, (1980).
- BRASIL, Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC – SEF, 1997.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. São Paulo: UNESP: 1998.
- BAKHTIN, M.. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 2ª Ed. brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ⁱ Graduada em Letras com Literatura pela Universidade Norte do Pará – UNOPAR. Professora da Educação Básica do Município de Serra do Ramalho - Bahia. E-mail: vhannyah@hotmail.com

ⁱⁱ Pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com licenciatura em Docência e Gestão em Processos Educativos, estudante do curso de Pós-Graduação com Especialização em Gestão Pública pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB – EaD), no polo de Bom Jesus da Lapa - Bahia. Email: jacyarhacosta@hotmail.com

ⁱⁱⁱ Graduanda em Pedagogia pela UNEB – Campus XVII – Bom Jesus da Lapa – BA. Professora da Educação Básica do Município de Bom Jesus da Lapa- Bahia. E-mail: krisbjl@hotmail.com

^{iv} Doutor em Educação e professor da Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Departamento de Educação. E-mail: josevalmiranda@yahoo.com.br